

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA

**APRENDER OS PADRÕES DA LINGUAGEM ESCRITA DE MODO
REFLEXIVO NO CICLO II**

Recuperação Língua Portuguesa

UNIDADE IV – VOCÊ SABIA?

São Paulo
2011



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO

Prefeitura da Cidade de São Paulo

Prefeito

Gilberto Kassab

Secretaria Municipal de Educação

Secretário

Alexandre Alves Schneider

Secretaria Adjunta

Célia Regina Guidon Falótico

Chefe de Gabinete

Lilian Dal Molin

Diretora de da Assessoria Técnica de Planejamento

Fátima Elisabete Pereira Thimoteo

Diretoria de Orientação Técnica

Regina Célia Lico Suzuki

Diretoria de Orientação Técnica Ensino Fundamental e Médio

Suzete de Souza Borelli

Equipe de DOT Ensino Fundamental e Médio

Ailton Carlos Santos, Cristhiane de Souza, Clodoaldo Gomes Alencar Junior, Hugo Luiz Montenegro Humberto Luis de Jesus, Ione Aparecida Cardoso Oliveira, Leika Watabe, Leila de Cássia José Mendes da Silva, Marco Aurélio Canadas, Margareth Aparecida Ballesteros Buzinaro, Maria Emília Lima, Regina Célia dos Santos Câmara, Sílvia Moretti Rosa Ferrari, Viviane de Camargo Valadares

Diretores Regionais de Educação

Eliane Serafchim Abrantes, Elizabeth Oliveira Dias, Hatsue Ito, Isaias Pereira de Souza, José Waldir Gregio, Leila Barbosa Oliva, Leila Portella Ferreira, Maria Angela Gianetti, Maria Antonieta Carneiro, Marcelo Rinaldi, Silvana Ribeiro de Faria, Sueli Chaves Eguchi, Waldeci Navarrete Pelissoni

Equipe de Apoio

Ana Maria Rodrigues Jordão Massa, Delma Aparecida da Silva, Tereza Regina Mazzoni Vivas, Tania Nardi de Pádua.

Concepção e elaboração

Alfredina Nery, Claudio Bazzoni, Márcia Vescovi Fortunato, Maria José Nóbrega

Consultoria Pedagógica

Maria José Nóbrega (coordenação geral)

Agradecimentos

A todos os professores de Língua Portuguesa das escolas participantes do Projeto 77 Escolas, que contribuíram para o desenvolvimento deste material.

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica.

Recuperação Língua Portuguesa – Aprender os padrões da linguagem escrita de modo reflexivo : unidade IV – Você sabia? – Livro do professor / Secretaria Municipal de Educação. – São Paulo : SME/ DOT, 2011. - 56p. : il.

1.Educação 2.Língua Portuguesa I. Programa Ler e Escrever – Prioridade na Escola Municipal

CDD 371.27

SUMÁRIO

TÊXTIL/TEXTTO, Cláudio Bazzoni

Lição 1 - Editando textos falados **13**

Lição 2 - Exercitando a leitura oral. **31**

PAI DOS BURROS OU DOS INTELIGENTES?, Cláudio Bazzoni

Lição 3 - Ortografia, etimologia e dicionário **36**

Lição 4 - Ditados **43**

Lição 5 - Novos exercícios de edição de textos **51**

TÊXTIL/ TEXTO

Claudio Bazzoni

A palavra “texto” tem relação com “tecido”. É fácil perceber essa aproximação quando pensamos em “indústria têxtil”. *Texto*, em seu sentido original, significa “aquilo que foi tecido”. Tanto no texto quanto no tecido, está presente a ideia dos fios que são tramados, entrelaçados para criar um todo. E quando olhamos para esse todo – seja o tecido, seja o texto – nem percebemos os vários fios; enxergamos algo que é uma unidade.

O que torna isso possível em um texto é a ordem lógica das várias ideias que o compõem. Essa lógica é fruto do esforço do autor que tenta estabelecer uma ligação entre elementos específicos de um trecho escrito e o trecho seguinte. Quando o autor consegue que as ideias fiquem bem ligadas, os leitores têm a sensação de clareza. Nesse caso, o autor está garantindo ao leitor todas as possibilidades de ser compreendido.

Nas lições anteriores, fazendo a edição de textos, exercitamos algumas ações (cortar, acrescentar, substituir, inverter) e vimos que escrever é mais do que evitar erros ortográficos. Escrever bem é, sobretudo, escrever claramente. E, para isso, é preciso escrever ideias coerentes, dispostas de forma coesa.

Outro aspecto que precisa ser salientado é a estreita ligação entre o princípio da coesão e a compreensão do texto. Muitas vezes o estudante não compreende o que lê por não operar bem com as relações de coesão. Ele lê, por exemplo, “esse fenômeno” e não estabelece ligação entre essa expressão e a referência à chuva, feita anteriormente no texto. A falta dessas ligações pode comprometer a compreensão até mesmo literal.

Coesão, portanto, tem a ver com união. Isso acontece quando duas idéias ficam bem ligadas. Nos exemplos abaixo, vamos verificar alguns recursos de que ou autores de textos lançam mão para que as ideias fiquem ligadas. Observe os exemplos:

Exemplo 1: Escova de dentes

“A primeira escova usada para limpar os dentes apareceu na China, em 1498, mas suas cerdas eram feitas com pêlos de porco. Mais tarde, estes foram substituídos por pêlos de cavalo. Foi em 1938 que a Du Pont desenvolveu as cerdas de náilon usadas hoje em dia.”

DUARTE, Marcelo. *Guia dos curiosos*. São Paulo: Cia das letras, 1995. p. 222

Repare que para evitar a repetição da expressão “pêlos de porco”, o autor escolheu uma substituta: “estes”. Essa palavra funciona como elemento de coesão. Palavras que servem para retomar um termo já expresso no texto são chamadas anafóricas. Se o item coesivo antecipa o termo referente, temos o processo designado por catáfora. Os pronomes demonstrativos (este, esse, aquele), os pronomes relativos (que, o qual, onde, cujo), os advérbios e expressões adverbiais (então, dessa feita, acima, atrás) etc. funcionam como termos anafóricos ou catafóricos.

Exemplo 2:

Visitei Manaus no ano passado. Nessa cidade é possível ver de perto a festa do boi.

Agora, em vez de repetir a palavra “Manaus”, o autor escolheu uma expressão substituta (“nessa cidade”), que retoma a ideia já citada.

Exemplo 3: Carros

O automóvel foi inventado na Alemanha, em 1885, por Karl Benz. Foi o americano Henry Ford que passou a fabricar carros em série. Os primeiros foram os modelos T, fabricados de 1908 a 1927. Venderam mais de 15 milhões de unidades.

Repare que o autor para evitar a repetição da palavra “automóvel” usa um termo sinônimo: “carros”.

As palavras sinônimas que se identificam ou têm aproximadamente o mesmo significado podem gerar dois processos de coesão. O primeiro utiliza palavras que correspondem ao *gênero* do termo a ser retomado. Exemplos: amor/ sentimento; rato/ animal; cadeira, poltrona/ assento; etc. As palavras utilizadas nesse processo de coesão são os chamados sinônimos *hiperônimos*. O segundo processo é o do caminho inverso, ou seja, do gênero expressamos a espécie. Nesse processo, um vocábulo de sentido mais específico substitui outro de sentido mais geral. Vocábulos que cumprem esse papel são chamados hipônimos. “Leão” é hipônimo de “animal”.

Exemplo 4: Boto

Peixe da Amazônia que se transforma num rapaz formoso, hábil dançarino, e conquista mulheres para levá-las consigo ao rio. A lenda serve como pretexto para moças justificarem a gravidez sem casamento: “Foi o boto”, dizem.

DUARTE, Marcelo. Guia dos curiosos. São Paulo: Cia das letras, 1995. p. 360

Nesse exemplo, a “costura” é feita com a substituição da palavra “mulheres” pelo pronome “las”. Observe também o sujeito oculto dos verbos “conquista” e “dizem”.

Exemplo 5: Fui à Sala de Leitura. Não li nenhuma linha. Estava com dor de cabeça.

Nesse exemplo, não há palavras que sejam responsáveis pela ligação das ideias, mas o leitor tem uma experiência sobre o conteúdo que está lendo. Ele sabe que quem vai a uma Sala de Leitura vai ler textos. Sabe também que é difícil de ler estando com dores de cabeça. Assim a ordem em que os acontecimentos estão ajuda o leitor a ter noção clara do que o autor da fala quer comunicar. Portanto, podemos dizer que, apesar da ausência de algumas palavras, esse trecho apresenta coesão, isto é, há uma articulação entre as ideias. Se o autor desse trecho quisesse deixar mais clara para o leitor a relação que existe entre os três fatos, ele poderia escrever: “Fui à Sala de Leitura, *mas* não li nenhuma linha *porque* estava com dor de cabeça.”

No texto abaixo, vamos rastrear as estratégias de coesão usadas pelo autor. Essas estratégias são responsáveis pelo encadeamento das ideias. Percebê-las contribui decisivamente para a compreensão do texto.

Papel higiênico

Sua invenção é relativamente nova. O primeiro papel higiênico empacotado foi apresentado pelo comerciante americano Joseph Gayetty, em 1857. Mas o produto, disponível em pacotes com folhas separadas, vendia pouco e logo sumiria das prateleiras das mercearias. Naquela época, ninguém conseguia imaginar gastar dinheiro com aquilo, quando os banheiros estavam bem estocados com catálogos de lojas de departamentos, jornais do dia anterior e vários outros papéis – o que, convenhamos, também se

constituía em material para leitura.

Na Inglaterra foi feita uma tentativa de vender papel higiênico em 1879 pelo fabricante britânico Walter Alcock. Considerando que Gayetty produzia folhas avulsas de papel, Alcock concebeu a idéia de um rolo de “folhas rasgáveis”.

A invenção foi uma coisa, mas comercializar o produto era outra. Alcock gastou quase uma década se esforçando para levar seu invento a ser produzido em massa. No mesmo ano, os irmãos Edward e Clarence Scotts estavam iniciando um negócio de produtos descartáveis e de um papel fácil de se desintegrar. E o único item que parecia incorporar esses atributos da melhor forma era o papel higiênico. Deram sorte. Por volta de 1880, donas de casa, hotéis e restaurantes instalavam serviços internos completos de encanamentos, chuveiros e banheiros. As grandes cidades inauguravam sistemas de esgoto públicos. Os banheiros passavam por mudanças e o ambiente era propício para o papel higiênico. Cada rolo continha o slogan: “Macio como linho antigo”.

DUARTE, Marcelo. *O livro das invenções*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997. pp 190 - 191

Analizando as estratégias de coesão

a) Logo no início do texto lemos: “sua invenção é...”

Sua? De quem? Se você leu o título do texto é fácil saber... “Sua” é um termo anafórico que se refere à invenção do papel higiênico.

Nesse caso, o leitor não fica em dúvida, mas é comum que termos anafóricos sejam usados num contexto que pode se referir a dois termos antecedentes distintos. Isso provoca ambigüidade e constitui uma ruptura de coesão. Observe o exemplo:

“O estudante entrou em desacordo com o professor por causa de **sua** teimosia.”

Teimosia de quem? Do professor ou do estudante? Como desfazer a ambigüidade?

Para desfazer a ambigüidade, o jeito é pensar em outras formas de construção da frase. Por exemplo:

“A teimosia do estudante fez com que entrasse em desacordo com o professor.”

b) “Mas o **produto**, disponível em pacotes com folhas separadas, vendia pouco e logo **sumiria** das prateleiras das mercearias.”

Papel higiênico e produto não são a mesma coisa; o segundo termo abrange muitas outras coisas, mas é importante perceber que, nesse texto, *produto* substitui papel higiênico. Há coesão porque produto retoma uma idéia já citada, evitando uma repetição

desagradável. Quando isso acontece, o leitor obrigatoriamente vai “tecendo” as partes do texto, vai acompanhando a progressão das idéias.

Ocultar o sujeito do verbo “sumiria” também foi uma boa estratégia de coesão, porque, pelo contexto, é fácil descobrir o termo que está faltando, não havendo necessidade de repetição.

c) “**Naquela época**, ninguém conseguia imaginar gastar dinheiro com **aquilo...**”

A que época nos remete a expressão “naquela época”?

Para responder a essa questão, o leitor tem de executar a operação de voltar ao que leu. Assim ficará fácil recuperar a data: 1857, época em que o papel higiênico foi inventado.

“Aquilo” (termo anafórico), outra palavra que exemplifica estratégia de coesão, recupera que expressão?

Recupera “produto” que, por sua vez, está substituindo “o primeiro papel higiênico empacotado”.

d) “**o que**, convenhamos, também...”

A expressão “o que” recupera que ideia no texto? O que poderia servir em banheiros como material de leitura? A resposta a essa pergunta está no próprio texto também: “catálogos de lojas de departamentos, jornais do dia anterior e vários outros papéis”.

e) “... pelo **fabricante** britânico Walter Alcock...” e “A **invenção** foi uma coisa...”

Fabricante de quê? Invenção de quê?

De papel higiênico é a resposta. O autor do texto omitiu “papel higiênico” porque o leitor facilmente deduz.

f) “para levar **seu invento** a ser produzido em massa.”

Que invento é esse que levou quase dez anos para ser produzido em massa? A resposta está no parágrafo anterior: “um rolo de folhas rasgáveis”. E “seu” é de quem? Do leitor? Obviamente que não... é do fabricante britânico Walter Alcock.

g) “**No mesmo ano**...”

Para saber a que ano o autor está se referindo, temos de levar em conta o parágrafo anterior. Nele aparece o ano: 1879.

h) “E o único item **que** parecia incorporar **esses** atributos”

Mais dois termos anafóricos. “Que” (pronome relativo) evita a repetição da palavra item e “esses” refere-se a atributos expressos na frase anterior: “produtos descartáveis e de um papel fácil de se desintegrar”.

i) “**Deram** sorte”.

Quem deram sorte?

Os irmãos Edward e Clarence Scotts. Aqui a “costura” leva em conta a relação sujeito/ verbo. Repare que o sujeito está oculto. Podemos pensar que Alcock também teve sorte.

j) “Cada **rolo** continha o slogan”

Rolo só pode ser de papel higiênico. Mais uma vez o autor lançou mão de omitir um termo fácil de deduzir.

Depois de explicitar os termos responsáveis pela coesão, o estudante terá outra compreensão do texto. Muitas vezes, um texto não apresenta palavras difíceis, mas o leitor não o compreende porque não percebe as relações de coesão que certas palavras estabelecem, e dessa forma, não acompanha o desenrolar das idéias. Ao mesmo tempo que é preciso compreender o que é dito para estabelecer essas relações, estabelecendo as relações compreendemos o texto. É o ovo e a galinha ao mesmo tempo... uma coisa leva a outra. E tudo ajuda na leitura e na redação.

Vamos ver agora as estratégias de coesão que aparecem em uma produção escrita de um aluno da quinta série. Para que possamos perceber a aplicação dos recursos coesivos, colocamos lado a lado, no quadro da próxima página, o texto do aluno e o texto-fonte, em que ele se baseou para fazer a produção.

5700530 \ AYAG DATA / / 2002
 Nome: Darley M. S. Oliveira Série 5ºB
 Data 26/02/2002
 Resposta da fábula
 O lebre e a tartaruga.
 Um dia uma tartaruga começou a criar vantagem, com a lebre a tartaruga dizafiou a lebre para uma corrida a lebre pensou que era uma brincadeira e eles marcaram a corrida o juiz era uma raposa, chega o dia Da corrida largou a corrida a lebre ficou bem na frente dela a tartaruga mais a lebre resolveu, tirar uma çoneca já se o dia está quente ela tirou a soneca bem, embaixo da sombra de uma arvore.
 Enquanto isso a tartaruga continuando andando e acabou chegandona linha de chegada
 A lebre não ficou de olho na tartaruga e acordou e se levantou rápido e começou a correr mais bem de longe, viu a tartaruga esperando por ela bem, na linha de chegada, e assim devagar e sempre e frente a cim ganha a corrida.

Texto do aluno transcrito:

Lebre e a tartaruga

Darley M. S. Oliveira - Série 5ª. B

Um dia uma tartaruga começou a criar vantagem, com a lebre a tartaruga dizafiou a lebre para uma corrida a lebre pensou que era uma brincadeira e eles marcaram a corrida o juiz era uma raposa, chega o dia Da corrida largou a corrida a lebre ficou bem na frente dela a tartaruga mais a lebre resolveu, tirar uma çoneca já se o dia está quente ela tirou a soneca bem, embaixo da sombra de uma arvore.

Enquanto isso a tartaruga continuando andando e acabou chegandona linha de chegada

A lebre não ficou de olho na tartaruga e acordou e se levantou rápido e começou a correr mais bem de longe, viu a tartaruga esperando por ela bem, na linha de chegada, e assim devagar e sempre e frente a cim ganha a corrida

Texto-fonte e texto de Darley sem erros ortográficos:

<p style="text-align: center;">A lebre e a tartaruga</p> <p style="text-align: center;">ASH, R.; HIGTON, B. (compilação). Fábulas de Esopo. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997, p. 12.</p>	<p style="text-align: center;">A lebre e a tartaruga Darley M. S. Oliveira – 5º B</p>
<p>Um dia uma tartaruga começou a contar vantagem dizendo que \square corria muito depressa, que a lebre era muito mole e, enquanto \square falava, a tartaruga ria e \square ria da lebre. Mas a lebre ficou mesmo impressionada foi quando a tartaruga resolveu apostar uma corrida com ela.</p>	<p><i>Um dia uma tartaruga começou a criar vantagem com a lebre. A tartaruga desafiou a lebre para uma corrida. A lebre pensou que era uma brincadeira e eles marcaram a corrida.</i></p>
<p>“Deve ser só de brincadeira!”, pensou a lebre.</p> <p>A raposa era o juiz e \square recebia as apostas. A corrida começou, e na mesma hora, claro, a lebre passou à frente da tartaruga. O dia estava quente, por isso lá pelo meio do caminho a lebre teve a idéia de brincar um pouco. Depois de brincar, \square resolveu tirar uma soneca à sombra fresquinha de uma árvore.</p>	<p><i>O juiz era uma raposa. Chega o dia da corrida. Largou a corrida. A lebre ficou bem na frente dela, a tartaruga, mas a lebre resolveu tirar uma soneca, já que o dia está quente. Ela tirou a soneca bem embaixo da sombra de uma árvore.</i></p>
<p>“Se por acaso a tartaruga me passar, é só \square correr um pouco e \square fico na frente de novo”, \square pensou.</p> <p>A lebre achava que não \square ia perder aquela corrida de jeito nenhum. Enquanto isso, lá vinha a tartaruga com seu jeitão, arrastando os pés, sempre na mesma velocidade, sem descansar nem uma vez, só pensando na chegada.</p>	<p><i>Enquanto isso a tartaruga continuando andando e \square acabou chegando à linha de chegada</i></p>

<p>Ora, a lebre dormiu tanto que se esqueceu de prestar atenção na tartaruga. Quando ela acordou, cadê a tartaruga? Bem que a lebre se levantou e se saiu zunindo, mas nem adiantava! De longe ela viu a tartaruga esperando por ela na linha de chegada.</p>	<p>A lebre não ficou de olho na tartaruga e não acordou e não levantou-se rápido e não começou a correr mas, bem de longe, viu a tartaruga esperando por ela bem na linha de chegada, e assim</p>
<p>Moral: Devagar e sempre se chega na frente.</p>	<p><i>devagar e sempre em frente assim ganha a corrida</i></p>

É interessante notar que nos dois textos a repetição de tartaruga/ lebre é muito frequente. No texto-fonte, no entanto, o autor lança mão da omissão do sujeito, para evitar a excessiva repetição. Esse recurso coesivo também está presente no texto de Darley, principalmente, no último parágrafo, mas, comparando os textos, o estudante usa pouco esse recurso.

Em relação ao emprego de termos anafóricos, podemos perceber que aparecem apenas no texto-fonte, em “**aquela** corrida”, por exemplo. Também apenas no texto-fonte ocorre o uso de expressões substitutas (“no meio do caminho”, que retoma a idéia já citada: “corrida”, por exemplo).

Nos dois textos, há o emprego de pronomes. No primeiro parágrafo e no último do texto-fonte, “com ela” e “quando ela...” referem-se à lebre; no texto de Darley, “eles” retoma lebre e tartaruga (é provável que tenha pensado “os dois bichos”) e “ela”, no segundo parágrafo, refere-se à lebre.

Um aspecto interessante do texto de Darley é o uso do pronome “dela” que recupera corretamente “tartaruga”. Mas Darley parece não confiar muito e introduz, em seguida “tartaruga”. O emprego parece sugerir que o estudante se apercebeu de uma provável ambiguidade “dela”, tartaruga ou lebre? No trecho, entretanto não há ambiguidade.

Nos dois textos, os marcadores temporais marcam bem o desenvolvimento da narrativa. As expressões: “depois de brincar”, “enquanto isso” etc. recuperam e dão seqüência ao texto. A preocupação de Darley com a seqüência da história é clara por conta da repetição: **a lebre resolveu tirar uma soneca, já que o dia está quente. Ela tirou a soneca bem embaixo da sombra de uma árvore.**

Na comparação dos textos, é possível notar também que Darley traz para a sua redação estratégias de coesão mais comuns na linguagem oral. É fácil que isso aconteça com estudantes em processo de escolarização. Observe a presença do “e” no primeiro

e no último parágrafo do texto de Darley. No primeiro parágrafo, caberia um “mas” já que há quebra de expectativa. No último parágrafo, o “e” está sendo usado como recurso coesivo. O “e” intermitente pode funcionar bem na fala. No texto escrito, a repetição é desagradável e desnecessária.

Os recursos coesivos que Darley usou em seu texto foram suficientes para que conseguisse fazer a reprodução da fábula. Mas isso ainda não é “tecer” um texto. É importante que nas aulas de língua portuguesa os estudantes possam cada vez mais identificar os elementos responsáveis pela unidade dos textos, que possam aplicar os recursos que a língua oferece para que palavras e frases sejam tecidas. Aprender a perceber e a usar as estratégias de coesão é determinante para que os alunos compreendam os textos e possam produzir textos mais articulados.

Lição 1 - Editando textos escritos

Nesta lição, você vai aprender a organizar melhor seu texto: não repetir palavras desnecessariamente e retomar uma mesma ideia no texto usando diferentes recursos.

Atividade 1

Você já viu um vaga-lume? Sabe como ele produz aquela luz que fica piscando no seu corpo enquanto voa? Já pensou qual a função desse pisca-pisca? Converse com a turma sobre o assunto e veja quem sabe mais sobre a vida dos vaga-lumes. Depois, faça uma leitura silenciosa do texto abaixo e veja se ele confirma as informações que você já tinha ou se lhe diz algo novo, que você ainda não sabia. Troque impressões sobre o texto com seus colegas e professor.

A linguagem do pisca-pisca

Descubra como vivem e por que brilham os vaga-lumes!

Você já reparou naquele bichinho que vive piscando à noite? Você sabe por que os vaga-lumes piscam? A vaga-lume fêmea pisca para avisar ao macho que ele pode se apro-

ximar dela para o acasalamento. O pisca-pisca também serve para espantar os inimigos, pois toda vez que a luz pisca, produz-se uma substância tóxica no corpo do vaga-lume. Está vendo como os animais podem se comunicar pela linguagem do pisca-pisca?

Quando uma pessoa está dirigindo um carro e quer indicar que vai entrar à direita, ela liga o pisca-pisca para a direita e pronto! Quem está na rua, pedestre ou automóvel, já sabe o que significa aquele sinal. Mas pouco se sabe sobre a função da lanterna do vaga-lume. Mas certamente ela funciona, como o pisca-pisca do carro, como uma 'linguagem' entendida só no mundo dos vaga-lumes e dos bichos que os rodeiam.

Um vaga-lume macho sobrevoa a vegetação espessa à procura da fêmea para o acasalamento. Enquanto voa, vai piscando num ritmo próprio de sua espécie. Lá embaixo, a fêmea da mesma espécie vagalumeia no mesmo ritmo, como que para avisar que o macho pode se aproximar.

Um louva-a-deus vai chegando perto do vaga-lume 'apagado'. Vê o inseto e prepara o bote, certo de que ali está uma boa refeição. De repente, o pirilampo pisca e o louva-a-deus desanima. Como muitos vaga-lumes têm toxina em seu corpo, eles são presas pouco saborosas. O sinal luminoso serve para avisar ao predador que aquela comida não é das melhores.

Uma fêmea de vaga-lumes procura um lugar para pôr seus ovos. Encontra, no meio da mata, um pedaço apodrecido de madeira. Mas se a madeira 'pisca', a fêmea fica avisada de que deve procurar outro canto. Aquele já está ocupado... As larvas de certas espécies de pirilampo gostam de viver de inquilinas dos cupinzeiros. Elas até que se dão bem com os cupins e, quando piscam, ao entardecer, atraem para as proximidades outros insetos dos quais as larvas se alimentam.

Os vaga-lumes são besouros de um tipo especial, pois emitem luz. Há três famílias diferentes de vaga-lumes — os elaterídeos, os fengodídeos e os lampirídeos —, que se distinguem, entre outras coisas, pelo lugar onde ficam os órgãos luminescentes e pela frequência e cor da luz emitida.

Na linguagem do pisca-pisca, é preciso haver combustível que não deixe faltar luz! No caso dos vaga-lumes, a luz que emitem pelos órgãos fosforescentes é o resultado de uma reação química entre várias substâncias. Essa reação química é 'acelerada' por uma enzima chamada luciferase, na qual uma substância de nome luciferina -- o 'combustível' da luminescência -- é oxidada, isto é, queimada por combustível, resultando em gás carbônico e no produto luminescente. Quem pegar na mão um vaga-lume 'aceso' não vai se queimar, porque nessa reação química não há produção de calor. Por isso, a luz dos pirilampos é chamada de luz fria.

Adaptado do artigo de Cleide Costa,

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo,

originalmente publicado em *Ciência Hoje das Crianças* 22,

Fonte: <http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/1043>

Atividade 2

Você tem ideia de quantas vezes as palavras **vaga-lume** e **vaga-lumes** aparecem no texto? Grife com um lápis ou caneta colorida essas palavras no texto acima e conte quantas são. Depois procure responder: por que elas aparecem tantas vezes? Discuta sua hipótese com seus colegas.

Dica para o professor:

É interessante que os alunos observem que essas palavras encerram o tema do texto, por isso aparecem repetidamente, sempre que o autor precisa retomar a idéia central do texto para desenvolver alguma informação. Mais adiante, vamos ver que outros recursos existem para evitar excesso de repetição.

Texto integral:

A linguagem do pisca-pisca

Descubra como vivem e por que brilham os vaga-lumes!

*Você já reparou naquele bichinho que vive piscando à noite? Você sabe por que os **vaga-lumes** piscam? A **vaga-lume** fêmea pisca para avisar ao macho que ele pode se aproximar dela para o acasalamento. O pisca-pisca também serve para espantar os inimigos, pois toda vez que a luz pisca, produz-se uma substância tóxica no corpo do **vaga-lume**. Está vendo como os animais podem se comunicar pela linguagem do pisca-pisca?*

*Quando uma pessoa está dirigindo um carro e quer indicar que vai entrar à direita, ela liga o pisca-pisca para a direita e pronto! Quem está na rua, pedestre ou automóvel, já sabe o que significa aquele sinal. Mas pouco se sabe sobre a função da lanterna do **vaga-lume**. Mas certamente ela funciona, como o pisca-pisca do carro, como uma 'linguagem' entendida só no mundo dos **vaga-lumes** e dos bichos que os rodeiam.*

*Um **vaga-lume** macho sobrevoa a vegetação espessa à procura da fêmea para o acasalamento. Enquanto voa, vai piscando num ritmo próprio de sua espécie. Lá embaixo, a fêmea da mesma espécie vagalumeia no mesmo ritmo, como que para avisar que o macho pode se aproximar.*

*Um louva-a-deus vai chegando perto do **vaga-lume** 'apagado'. Vê o inseto e prepara o bote, certo de que ali está uma boa refeição. De repente, o pirilampo pisca e o*

*louva-a-deus desanima. Como muitos **vaga-lumes** têm toxina em seu corpo, eles são presas pouco saborosas. O sinal luminoso serve para avisar ao predador que aquela comida não é das melhores.*

*Uma fêmea de **vaga-lumes** procura um lugar para pôr seus ovos. Encontra, no meio da mata, um pedaço apodrecido de madeira. Mas se a madeira 'pisca', a fêmea fica avisada de que deve procurar outro canto. Aquele já está ocupado... As larvas de certas espécies de pirilampo gostam de viver de inquilinas dos cupinzeiros. Elas até que se dão bem com os cupins e, quando piscam, ao entardecer, atraem para as proximidades outros insetos dos quais as larvas se alimentam.*

*Os **vaga-lumes** são besouros de um tipo especial, pois emitem luz. Há três famílias diferentes de **vaga-lumes** — os elaterídeos, os fengodídeos e os lampirídeos —, que se distinguem, entre outras coisas, pelo lugar onde ficam os órgãos luminescentes e pela frequência e cor da luz emitida.*

*Na linguagem do pisca-pisca, é preciso haver combustível que não deixe faltar luz! No caso dos **vaga-lumes**, a luz que emitem pelos órgãos fosforescentes é o resultado de uma reação química entre várias substâncias. Essa reação química é 'acelerada' por uma enzima chamada luciferase, na qual uma substância de nome luciferina -- o 'combustível' da luminescência -- é oxidada, isto é, queimada por combustível, resultando em gás carbônico e no produto luminescente. Quem pegar na mão um **vaga-lume** 'aceso' não vai se queimar, porque nessa reação química não há produção de calor. Por isso, a luz dos pirilampos é chamada de luz fria.*

*Adaptado do artigo de Cleide Costa,
Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo,
originalmente publicado em Ciência Hoje das Crianças 22,
Fonte: <http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/1043>*

Atividade 3

Você já deve ter ouvido falar que repetir muitas vezes a mesma palavra em um texto não é muito bom porque o texto pode ficar chato, cansativo de ler. Há outras maneiras de retomar o assunto tratado, sem abusar da repetição de palavras. Observe as palavras marcadas no texto abaixo. E veja como o autor referiu-se aos vaga-lumes de modo bastante diverso.

A linguagem do pisca-pisca

Descubra como vivem e por que brilham os vaga-lumes!

Você já reparou naquele **bichinho** que vive piscando à noite? Você sabe por que os vaga-lumes piscam? A vaga-lume fêmea pisca para avisar ao **macho** que ele pode se aproximar dela para o acasalamento. O pisca-pisca também serve para espantar os inimigos, pois toda vez que a luz pisca, produz-se uma substância tóxica no corpo do vaga-lume. Está vendo como os **animais** podem se comunicar pela linguagem do pisca-pisca?

Quando uma pessoa está dirigindo um carro e quer indicar que vai entrar à direita, ela liga o pisca-pisca para a direita e pronto! Quem está na rua, pedestre ou automóvel, já sabe o que significa aquele sinal. Mas pouco se sabe sobre a função da lanterna do vaga-lume. Mas certamente ela funciona, como o pisca-pisca do carro, como uma 'linguagem' entendida só no mundo dos vaga-lumes e dos bichos que os rodeiam.

Um vaga-lume macho sobrevoa a vegetação espessa à procura da **fêmea** para o acasalamento. Enquanto voa, vai piscando num ritmo próprio de sua espécie. Lá embaixo, a **fêmea** da mesma espécie vagalumeia no mesmo ritmo, como que para avisar que o **macho** pode se aproximar.

Um louva-a-deus vai chegando perto do vaga-lume 'apagado'. Vê o **inseto** e prepara o bote, certo de que ali está **uma boa refeição**. De repente, o **pirilampo** pisca e o louva-a-deus desanima. Como muitos vaga-lumes têm toxina em seu corpo, eles são **presas** pouco saborosas. O sinal luminoso serve para avisar ao predador que aquela **comida** não é das melhores.

Uma fêmea de vaga-lumes procura um lugar para pôr seus ovos. Encontra, no meio da mata, um pedaço apodrecido de madeira. Mas se a madeira 'pisca', a **fêmea** fica avisada de que deve procurar outro canto. Aquele já está ocupado... As **larvas** de certas espécies de **pirilampo** gostam de viver de inquilinas dos cupinzeiros. Elas até que se dão bem com os cupins e, quando piscam, ao entardecer, atraem para as proximidades outros insetos dos quais as **larvas** se alimentam.

Os vaga-lumes são **besouros** de um tipo especial, pois emitem luz. Há três famílias diferentes de vaga-lumes — os **elaterídeos**, os **fengodídeos** e os **lampirídeos** —, que se distinguem, entre outras coisas, pelo lugar onde ficam os órgãos luminescentes e pela frequência e cor da luz emitida.

Na linguagem do **pisca-pisca**, é preciso haver combustível que não deixe faltar luz! No caso dos vaga-lumes, a luz que emitem pelos órgãos fosforescentes é o resultado de uma reação química entre várias substâncias. Essa reação química é 'acelerada' por uma enzima chamada luciferase, na qual uma substância de nome luciferina — o 'com-

bustível' da luminescência — é oxidada, isto é, queimada por combustível, resultando em gás carbônico e no produto luminescente. Quem pegar na mão um vaga-lume 'aceso' não vai se queimar, porque nessa reação química não há produção de calor. Por isso, a luz dos **pirilampos** é chamada de luz fria.

Adaptado do artigo de Cleide Costa,
Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo,
originalmente publicado em *Ciência Hoje das Crianças* 22,
Fonte: <http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/1043>

Dica para o professor:

*É interessante observar com os alunos os recursos que o autor usou para substituir a palavra-tema do texto: empregou sinônimos, como **pirilampo(s)**, **pisca-pisca**; **presas**, **uma boa refeição**, **comida**, que é em que o vaga-lume se transforma na perspectiva dos predadores; palavras de sentido mais genérico, como **inseto**, **besouros**, **bichinho**; ou de sentido mais específico, como **larva(s)**, que se refere a uma fase do ciclo de vida do vaga-lume; **macho**, **fêmea**, em que o adjetivo que indica o sexo passa a designar o animal; **elaterídeos**, **fengodídeos**, **lampirídeos**, termos técnicos que nomeiam as diferentes espécies. É importante chamar a atenção dos estudantes para a diversidade dos recursos de substituição.*

Atividade 4

Repare agora as palavras negritadas no texto que você leu sobre os vaga-lumes e que reproduzimos abaixo. O que você pode observar a respeito dessas palavras destacadas: o que elas querem dizer? A que se referem?

A linguagem do pisca-pisca

Descubra como vivem e por que brilham os vaga-lumes!

Você já reparou **naquele bichinho** que vive piscando à noite? Você sabe por que os vaga-lumes piscam? A vaga-lume fêmea pisca para avisar ao macho que **ele** pode se aproximar **dela** para o acasalamento. O pisca-pisca também serve para espantar os ini-

migos, pois toda vez que a luz pisca, produz-se uma substância tóxica no corpo do vaga-lume. Está vendo como os animais podem se comunicar pela linguagem do pisca-pisca?

Quando uma pessoa está dirigindo um carro e quer indicar que vai entrar à direita, **ela** liga o pisca-pisca para a direita e pronto! Quem está na rua, pedestre ou automóvel, já sabe o que significa **aquele sinal**. Mas pouco se sabe sobre a função da lanterna do vaga-lume. Mas certamente **ela** funciona, como o pisca-pisca do carro, como uma 'linguagem' entendida só no mundo dos vaga-lumes e dos bichos que **os** rodeiam.

Um vaga-lume macho sobrevoa a vegetação espessa à procura da fêmea para o acasalamento. Enquanto voa, vai piscando num ritmo próprio de **sua** espécie. Lá embaixo, a fêmea da mesma espécie vagalumeia no mesmo ritmo, como que para avisar que o macho pode se aproximar.

Um louva-a-deus vai chegando perto do vaga-lume 'apagado'. Vê o inseto e prepara o bote, certo de que ali está uma boa refeição. De repente, o pirilampo pisca e o louva-a-deus desanima. Como muitos vaga-lumes têm toxina em seu corpo, **eles** são presas pouco saborosas. O sinal luminoso serve para avisar ao predador que aquela comida não é das melhores.

Uma fêmea de vaga-lumes procura um lugar para pôr **seus** ovos. Encontra, no meio da mata, um pedaço apodrecido de madeira. Mas se a madeira 'pisca', a fêmea fica avisada de que deve procurar outro canto. **Aquele** já está ocupado... As larvas de certas espécies de pirilampo gostam de viver de inquilinas dos cupinzeiros. **Elas** até que se dão bem com os cupins e, quando piscam, ao entardecer, atraem para as proximidades outros insetos **dos quais** as larvas se alimentam.

Os vaga-lumes são besouros de um tipo especial, pois emitem luz. Há três famílias diferentes de vaga-lumes — os elaterídeos, os fengodídeos e os lampirídeos —, que se distinguem, entre outras coisas, pelo lugar onde ficam os órgãos luminescentes e pela frequência e cor da luz emitida.

Na linguagem do pisca-pisca, é preciso haver combustível que não deixe faltar luz! No caso dos vaga-lumes, a luz que emitem pelos órgãos fosforescentes é o resultado de uma reação química entre várias substâncias. **Essa reação química** é 'acelerada' por uma enzima chamada luciferase, na qual uma substância de nome luciferina — o 'combustível' da luminescência — é oxidada, isto é, queimada por combustível, resultando em gás carbônico e no produto luminescente. Quem pegar na mão um vaga-lume 'aceso' não vai se queimar, porque **nessa reação química** não há produção de calor. Por isso, a luz dos pirilampos é chamada de luz fria.

Dica para o professor:

É interessante que os alunos percebam que as palavras negritadas retomam termos citados anteriormente, como em “A vaga-lume fêmea pisca para avisar ao macho que **ele** pode se aproximar **dela** para o acasalamento”, em que **ele** e **dela** se referem respectivamente a **vaga-lume macho** ou **vaga-lume fêmea**, ou fazem referência a termos que vêm à frente, como em “Você já reparou **naquele bichinho** que vive piscando à noite? Você sabe por que os vaga-lumes piscam?” em que **naquele bichinho** se refere a **vaga-lume**.

Este é um recurso de coesão referencial que os alunos podem aprender a observar para, aos poucos, incorporar a seus textos.

Atividade 5

O autor do texto abaixo não acabou de revisar o seu texto e deixou muitas vezes repetida a palavra **jiboia(s)**. As constantes repetições tornam o texto cansativo e pouco atraente. Vamos ajudar o autor e substituir algumas dessas palavras por outras, tal como observamos nos exercícios anteriores?

Jiboia engole boi?

Talvez pelo veneno ou pelo chocalho de algumas espécies, as cobras assustem e mexam com a imaginação das pessoas. Há quem aposte que uma **jiboia** consegue engolir um boi inteiro. Mas será que isso é verdade?

As **jiboias** são répteis carnívoros, ou seja, as **jiboias** se alimentam de outros animais. Até aí, nada demais. O curioso é que as **jiboias** conseguem se alimentar de animais grandes em relação ao seu tamanho. Isso só é possível porque o queixo das **jiboias** não é como o nosso, composto por uma mandíbula com um único osso. As **jiboias** têm dois ossos no queixo, unidos por uma fibra elástica. Além disso, a pele das **jiboias** também é elástica, as costelas das **jiboias** são livres entre si e os dentes das **jiboias** são curvados para trás. Assim, as **jiboias** não mastigam seu alimento e as **jiboias** são capazes de engolir os animais inteiros.

Mas, a capacidade das **jiboias** se limita a engolir até cerca de 3/4 de seu peso. Então, uma **jiboia** que pesa 40 quilos consegue se alimentar de outro animal que pese aproximadamente 30 quilos.

A **jiboia** é considerada uma cobra grande, podendo pesar até 45 quilos. E, com esse peso, a **jiboia** consegue um animal de 30 a 35 quilos, o equivalente a um cabrito ou um cachorro de tamanho médio. Resultado: nessa história de uma **jiboia** engolir um boi inteiro há um pouco de exagero.

Dica para o professor:

Discuta as diferentes soluções encontradas pelos estudantes de maneira a deixar entrever as diferentes possibilidades de distribuição dos recursos de substituição. A escolha de um ou outro uso é uma opção estilística que cada autor deve saber administrar.

Texto integral

Jiboia engole boi?

*Talvez pelo veneno ou pelo chocalho de algumas **espécies**, as **cobras** assustem e mexam com a imaginação das pessoas. Há quem aposte que uma **jiboia** consegue engolir um boi inteiro. Mas será que isso é verdade?*

*As **cobras** são répteis carnívoros, ou seja, se alimentam de outros animais. Até aí, nada demais. O curioso é que **elas** conseguem se alimentar de animais grandes em relação ao **seu** tamanho. Isso só é possível porque **seu** queixo não é como o nosso, composto por uma mandíbula com um único osso. **Elas** têm dois ossos no queixo, unidos por uma fibra elástica. Além disso, **sua** pele também é elástica, **suas** costelas são livres entre si e **seus** dentes são curvados para trás. Assim, as **cobras** não mastigam seu alimento e são capazes de engolir os animais inteiros.*

*Mas, a capacidade **delas** se limita a engolir até cerca de 3/4 de seu peso. Então, uma **cobra** que pesa 40 quilos consegue se alimentar de outro animal que pese aproximadamente 30 quilos.*

*A **jiboia** é considerada uma cobra grande, podendo pesar até 45 quilos. E, com esse peso, **ela** consegue um animal de 30 a 35 quilos, o equivalente a um cabrito ou um cachorro de tamanho médio. Resultado: nessa história de uma **jiboia** engolir um boi inteiro há um pouco de exagero.*

Se quiser saber mais sobre as cobras, leia a da Ciência Hoje das Crianças nº 35!

Bruno Magalhães
Ciência Hoje das Crianças

<http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/1056>

Você sabia que...

Os tubarões são peixes cartilaginosos? Ou seja, não têm ossos. A maioria dos outros peixes os têm. Os tubarões são relíquias do passado distante, os tubarões sobreviveram a 350 milhões de anos de luta feroz por alimento e espaço vital. Possantes e velozes, os tubarões chegam ao aterrorizante comprimento de 15 metros e os tubarões têm apetite para tudo, de plancto a gente. Todos os tubarões carnívoros têm predileção por animais em perigo, e isto abrange cães, gatos, homens e até, num caso verídico, um elefante enlouquecido que entrou no mar.

Dica para o professor

A ideia da atividade anterior é fazer os alunos refletirem sobre a coesão referencial, isto é, a retomada de palavras do texto por meio do uso de pronome, expressão sinônima ou mesmo com a omissão do sujeito.

Veja que a reflexão sobre coesão textual está sendo feita em uma atividade de leitura cujo propósito é ler para revisar. Nas propostas de produção escrita dos alunos, você pode transformar a atividade acima em modelo para que apliquem na revisão dos textos.

Atividade 7

Por quê...?

É um avião? É um pássaro? É o Super-homem? Não...é um meteoro!

O universo é mesmo um grande mistério! Quanta coisa acontece nele, não? Bem, vamos

ler um texto sobre um intrigante fenômeno: os meteoros.

Leia o texto a seguir e verifique como o tema (meteoro) é desenvolvido.

Na coluna “**O quê**”, você deve reescrever as palavras do texto a que se referem cada trecho selecionado respondendo à pergunta “O quê?”. Na coluna “**Explícito ou subentendido**”, você deve analisar se encontrou a resposta à pergunta “O quê” escrita no texto ou precisou deduzi-la apoiando-se em informações anteriores. Com isso, você vai perceber como as partes de um texto se relacionam, para que ele fique bem elaborado.

Por que as estrelas caem?

Conheça os objetos que riscam o céu e caem na Terra vindos do espaço

Texto	O quê?	“Explícito ou subentendido”
<p>Para início de conversa, estrelas não caem. As pessoas juram ver estrelas riscando o céu, mas, na verdade, são meteoros. A palavra meteoro vem do grego meteoron e significa “fenômeno no céu”. Dezenas de milhares de objetos sólidos, chamados pelos astrônomos de meteoróides, caem na Terra todos os anos vindos do espaço extraterrestre. () São pedaços de rochas e de metal. Alguns são tão grandes que pesam toneladas. Em contato com a atmosfera do Planeta, esses objetos pegam fogo e () emitem tanta luz que, de longe, () parecem uma estrela despencando.</p>	<p>a) _____ caem na Terra, vindos do espaço extraterrestre.</p> <p>b) _____ São pedaços de rochas e de metal.</p> <p>c) _____ são tão grandes que pesam toneladas</p> <p>d) _____ pegam fogo</p> <p>e) _____ emitem luz</p> <p>f) _____ parecem uma estrela despencando</p>	<p>a) _____</p> <p>b) _____</p> <p>c) _____</p> <p>d) _____</p> <p>e) _____</p> <p>f) _____</p>

<p>Quando atravessam a atmosfera do nosso planeta, os menores objetos são reduzidos a cinzas imediatamente, () emitem pouca luz e nem sempre () são visíveis. Já os maiores – as populares estrelas cadentes ou meteoros, como os cientistas identificam –, brilham tanto ao pegarem fogo que () podem ser vistos da superfície da Terra. Alguns pedaços até resistem ao incêndio e () caem no solo como verdadeiras bolas de fogo, () seriam outra modalidade de “estrela cadente”.</p>	<p>a) _____ são reduzidos a cinzas imediatamente</p> <p>b) _____ emitem pouca luz</p> <p>c) _____ nem sempre são visíveis.</p> <p>d) _____ brilham tanto ao pegarem fogo</p> <p>e) _____ podem ser vistos da superfície da Terra.</p> <p>f) _____ até resistem ao incêndio</p> <p>g) _____ caem no solo como verdadeiras bolas de fogo</p> <p>h) _____ seriam outra modalidade de “estrela cadente”</p>	<p>a) _____</p> <p>b) _____</p> <p>c) _____</p> <p>d) _____</p> <p>e) _____</p> <p>f) _____</p> <p>g) _____</p> <p>h) _____</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Esses grandes pedaços de material vindos do espaço iluminam uma grande área do céu à noite e, às vezes, até de dia. Sua passagem extremamente rápida através da atmosfera cria um ruído estrondoso que pode ser percebido a grandes distâncias. Vimos que algumas vezes a explosão causa o desaparecimento completo do meteoro, transformando-o em poeira. Mas, por vezes, produz fragmentos, uma espécie de “chuveiro”, que caem aos milhares no solo e são batizados como meteoritos. (Saiba mais sobre meteoritos na CHC 73)</p>	<p>a) _____ iluminam uma grande área do céu</p> <p>b) _____ cria um ruído estrondoso</p> <p>c) _____ causa o desaparecimento completo do meteoro</p> <p>d) _____ produz fragmentos</p> <p>e) _____ caem aos milhares no solo</p> <p>f) _____ são batizados como meteoritos</p>	<p>a) _____</p> <p>b) _____</p> <p>c) _____</p> <p>d) _____</p> <p>e) _____</p> <p>f) _____</p>
<p>É muito raro, mas algumas vezes, um objeto celeste de grande massa, pesando milhares de toneladas, penetra a atmosfera terrestre e, pelo impacto com o solo, se vaporiza quase completamente. Contudo, () deixa sua marca: quando () bate na terra firme, () produz um enorme buraco. Já viu esta cena no filme do Super-Homem? Um exemplo real desses imensos buracos é a cratera de Barringer, encontrada no Arizona, nos Estados Unidos. Procure-a nos livros ou dê uma pesquisada na Internet.</p>	<p>a) _____ penetra a atmosfera terrestre</p> <p>b) _____ se vaporiza</p> <p>c) _____ deixa sua marca</p> <p>d) _____ quando bate na terra firme</p> <p>e) _____ produz um enorme buraco</p>	<p>a) _____</p> <p>b) _____</p> <p>c) _____</p> <p>d) _____</p> <p>e) _____</p>

<p>Agora, quando olhar para o céu e vir algo parecido com uma estrela caindo, encha os pulmões e grite, antes que alguém faça um pedido: – É um meteoro!</p>		
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

REVISTA CHC 180 - JUNHO DE 2007
Rosa Scorzelli
Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
<http://cienciahoje.uol.com.br/95414>

Dica para o professor

Chame a atenção dos alunos para a questão da “costura” (coesão referencial) do texto acima, levando em conta a relação “sujeito e verbo” (concordância verbal) em que, às vezes, o sujeito vem expresso e, outras vezes, está oculto. Essa pode ser uma boa reflexão sobre as relações entre as palavras e expressões, no nível da frase e seus elementos. Você, professor, deve decidir até onde e para que vai usar a nomenclatura gramatical, levando em conta o que seus alunos já sabem (ou não) a respeito. O mais importante é que entendam esse recurso coesivo na leitura e saibam usar ao escrever seus textos.

Veja que a reflexão sobre coesão textual está sendo feita em uma atividade de leitura. Nas propostas de produção escrita dos alunos, você pode eleger um elemento de coesão textual, a cada vez, para fazer parte da pauta de revisão dos textos.

Atividade 8

Dinheiro...Cadê o dinheiro?

É, hoje em dia, muita gente só sabe gastar dinheiro, mas não tem a mínima idéia de como ele surgiu nas nossas vidas...

Leia o texto a seguir e veja como é curiosa a história do dinheiro!

Dinheiro... pra que dinheiro?

Entenda como surgiu e quais as funções do papel-moeda!

Há muito, muito tempo atrás, ninguém precisava de dinheiro. Os grupos humanos produziam tudo aquilo de que precisavam para viver. Quando a sociedade começou a ficar mais complexa, o pessoal começou a dividir as tarefas: uns plantavam, outros construía casas, outros faziam móveis etc... No começo, as pessoas começaram a trocar coisas: o cara que fazia móveis trocava com o cara que criava galinhas, por exemplo.

Mas o número de coisas a serem feitas e de pessoas que precisavam de coisas foi aumentando, e as trocas começaram a dar muito trabalho. Imagine o tempo que o camarada que fazia cadeiras levava, quando estava com fome, para descobrir alguém que plantasse e que justamente estivesse precisando de uma cadeira... Não dava muito certo. Foi necessário, então, segundo Fernando Cerqueira Lima, da Faculdade de Economia da UFRJ, criar uma coisa que pudesse ser trocada por outra coisa de que a pessoa estivesse precisando, ou seja, era preciso criar um dinheiro.

Após o uso de materiais como o sal para servir de dinheiro, logo se começou a usar, para cunhar as moedas, metais como ouro e prata, que tinham algumas vantagens: eram valiosos com relação a outros metais, tinham pouco peso, não estragavam e era possível dividi-los. Já pensou se o dinheiro fosse gado? Carregar um boi até o mercado e ainda por cima ficar esperando o troco?

Com medo de serem roubadas, as pessoas colocavam seu ouro na casa de indivíduos que eram especialistas em guardar dinheiro -- que hoje seriam os banqueiros. Ao receber esse ouro, os banqueiros escreviam um papel que dizia: "O senhor Fulano de Tal tem guardado junto ao senhor Sicrano de Qual tanta quantidade de ouro." Esse papel, logo chamado moeda-papel, era um recibo do ouro depositado. Com o tempo, as pessoas passaram a não pegar de volta este ouro. Elas simplesmente passavam adiante o recibo, que também era aceito pelos comerciantes.

Alguns banqueiros começaram a emitir mais moedas-papel do que o ouro que tinham guardado consigo. Isso não significa que eles fossem trambiqueiros, mas sim que as trocas cresciam e havia necessidade de mais dinheiro circulando para que os negócios se realizassem. Para controlar a emissão de recibos pelos banqueiros, o governo criou um órgão especial para emitir as notas, que só valiam se fossem emitidas por esse banco do governo. No começo, a quantidade de notas emitidas pelo banco do governo tinha que corresponder à quantidade de ouro existente no país. Mas depois, devido à

escassez de ouro e à ganância dos governos, isso passou a não acontecer mais. Hoje em dia, nenhum país emite mais notas de acordo com sua reserva de ouro.

Atualmente já existe uma tendência a que o dinheiro — notas e moedas — deixe de existir. Já existem o cheque e o cartão de crédito, com os quais transferimos o dinheiro que está depositado em nossa conta do banco para a conta do dono da loja em que fazemos nossas compras. Com o computador e a internet, então, tudo ficou diferente: muitos já fazem compras on-line, sem sair de casa ou pôr a mão no bolso... Imagine o que achariam disso as pessoas que trocavam mercadorias muitos séculos atrás!

Adaptado do artigo originalmente publicado em *Ciência Hoje das Crianças* 34 escrito por: Luisa Massarani, Ciência Hoje/RJ

Atividade 9

Agora, releia apenas o 1º parágrafo do texto anterior e verifique que para não repetir as palavras "o pessoal", há expressões equivalentes.

Sua tarefa é relacionar as duas colunas, de acordo com o texto.

Quem faz o quê...

Quem		Ações
1 - o pessoal		criava
2 - as pessoas		produziam
3 - o cara		começou
4 -Os grupos humanos		fazia
5 - o cara		plantavam
6 - uns		construíam
7 - outros		começaram
8 - outros		faziam
9 - o camarada		fazia

Atividade 10

Releia, a seguir, os trechos selecionados do texto e tente descobrir quantas vezes e com que “disfarces” ela reaparece ao longo do trecho

“Ao receber esse ouro, os banqueiros escreviam um papel que dizia: ‘O senhor Fulano de Tal tem guardado junto ao senhor Sicrano de Qual tanta quantidade de ouro.’ Esse papel, logo chamado moeda-papel, era um recibo do ouro depositado. Com o tempo, as pessoas passaram a não pegar de volta este ouro. Elas simplesmente passavam adiante o recibo, que também era aceito pelos comerciantes. “

papel: _____ e _____

“Atualmente já existe uma tendência a que o dinheiro — notas e moedas — deixe de existir. Já existem o cheque e o cartão de crédito, com os quais transferimos o dinheiro que está depositado em nossa conta do banco para a conta do dono da loja em que fazemos nossas compras. Com o computador e a internet, então, tudo ficou diferente: muitos já fazem compras on-line, sem sair de casa ou pôr a mão no bolso... Imagine o que achariam disso as pessoas que trocavam mercadorias muitos séculos atrás! “

dinheiro: _____, _____, _____ e _____

Dica para o professor

O texto “Dinheiro” é organizado tendo em vista dois campos semânticos. Um relativo às pessoas, como “grupos humanos/ o pessoal/ uns/ outros/ outros/ as pessoas/ o cara/ o cara / o camarada/ indivíduos que eram especialistas em dinheiro/ banqueiros”. E o outro relacionado ao dinheiro: “papel/ moeda-papel/ recibo do ouro depositado/ as notas/ dinheiro/ notas/ moedas/ o cheque/ o cartão de crédito. “

A atividade 10 procura, assim, levar os alunos a refletirem sobre a coesão referencial lexical, por substituição, na direção de ampliar o que já foi tratado nas atividades anteriores que focaram na coesão gramatical, ao nível da frase, por meio do uso de concordância entre sujeito e verbo. Assim, a separação entre os dois tipos de coesão é mais uma estratégia didática, pois, sabemos que na elaboração de um texto estes elementos são inseparáveis.

Lição 2 - Exercitando leitura oral

Nesta lição, você vai ler textos em voz alta para aprender a se expressar melhor oralmente.

Atividade 1

Você gosta de assistir na TV àqueles programas de divulgação científica que explicam como algumas coisas surgiram ou como funcionam? Um programa famoso passa no canal Discovery e se chama “Acredite se quiser...”

Que tal você se transformar em locutor? Assista a alguns desses programas. Observe como os locutores falam expressivamente, tentando convencer os telespectadores sobre aquilo de que estão tratando.

A seguir, há uma pequena seleção de textos para você ensaiar... As curiosidades foram retiradas de um livro bem interessante, chamado “Como fazíamos sem...”, de Bárbara Soalheiro. Procure conhecê-lo, vale a pena...

Bom ensaio! Boa locução!

Como fazíamos sem...?

... fogão?

Antes do fogão a gás, inventado em 1902, cozinávamos em fogões à lenha. Já quem queria só esquentar um lanchinho, usava o borrarho (restos de brasas quase apagando, mas ainda quentes) para esquentar coisas pequenas, como batatas ou bananas. É daí que vem o apelido da famosa personagem: gata borrarheira.

...envelopes?

Envelopes são uma invenção antiga. Mas eles não eram tão práticos quanto os que temos hoje, de papel. Os primeiros modelos eram feitos de tecido ou de peles de animais. Já os babilônios, no ano 3.000 a C., embalavam suas mensagens usando uma folha muito fina de gesso — que era levado ao forno para endurecer.

...fio dental?

Arqueólogos já encontraram corpos ancestrais que continham restos de fios entre os

dentes, o que prova que a invenção é muito antiga. Mas foi o dentista americano Levy Spear Parmly que fez com que o fio dental entrasse para a lista de necessidades do mundo moderno. Ele recomendava o uso de um pedaço de seda entre os dentes de seus pacientes.

...geladeira?

Na Europa, para aumentar a validade dos alimentos, as pessoas salgavam as carnes (o sal ajuda a impedir a proliferação de microorganismos), secavam as frutas e deixavam tudo em um quartinho escuro, longe da luz e do calor.

...talheres?

Na Inglaterra e França, as grandes mesas da nobreza contavam com duas ou três facas, que eram usadas apenas para cortar as carnes ou os alimentos mais duros. Para outros pratos, os convidados se serviam da mesma travessa, usando as mãos. As sopas eram colocadas em uma mesma tigela, de onde bebiam duas, três ou mais pessoas.

... correio?

Apesar de muita gente achar que pombos-correio são apenas personagens da ficção, a verdade é que eles eram mesmo usados para carregar mensagens (os bilhetes costumavam ser amarrados aos pés ou presos à barriga por uma fita). E o mais impressionante: eles funcionavam!

...elevador?

Para subir ao seu apartamento, o que você escolhe: escada ou elevador? Pois durante quatro mil anos o homem escolheu as escadas, deixando o elevador só para alimentos ou materiais de construção. Está certo que antigamente os elevadores eram muito diferentes dos de hoje (sendo que a principal diferença era a segurança), mas eles já existiam no mundo desde o Egito Antigo, no ano 1.500 a.C. Nessa época, elevadores eram movidos a animais ou escravos. Usando cordas e roldanas, eles faziam subir uma plataforma até os aposentos dos faraós, que viviam em construções gigantescas. O objetivo, quase sempre, era abastecê-los com água e comida.

...móveis?

Casas comuns pareciam salões de festas até o século XVII. Elas quase não tinham divisões de cômodos e contavam com pouquíssimos móveis. E, muitas vezes, a falta de decoração nem era por falta de dinheiro, mas por não haver opções mesmo. Muitas das

coisas que nos parecem importantíssimas hoje em dia, como armários, não tinham sido inventadas até então. Roupas e objetos pessoais (que também não eram lá tão numerosos) eram guardados em cestos.

Adaptado de SOALHEIRO, Bárbara. *Como fazíamos sem...* São Paulo: Panda Books, 2006.

Dica para o professor

A oralização do texto escrito é uma atividade comum na televisão e no rádio. Na escola, é possível retomar esta prática social como uma atividade complementar no ensino da leitura. Assim, os alunos aprendem a ler com mais clareza, fluência e correção, dando a entoação adequada aos textos lidos. Sabemos que para ler em voz alta de forma expressiva é preciso, antes, ter compreendido o texto, daí que nossa sugestão é primeiramente, esclarecer o objetivo da atividade: ler bem em voz alta. Depois, solicitar que os alunos leiam os textos silenciosamente e individualmente. Depois, discutir com os estudantes os assuntos/temas, além da linguagem (vocabulário, pontuação etc.). Em seguida, organize os alunos em dupla para o ensaio. Cada um deve ajudar o outro a melhorar sua locução, sugerindo alterações, quando for o caso. Por fim, marcar as apresentações orais, em dias previamente combinados com a turma.

PAI DOS BURROS OU DOS INTELIGENTES?

Cláudio Bazzoni

Abacaxi, chiclete, açúcar, assustado, cachaça, cachimbo, cochilar, caxumba, jiboia, jiló, jeito, jipe, sarjeta, gilete, girino, sargento, cesto, sexto, sirene, cinema, sinuca, cirurgia etc. são palavras que muitas pessoas têm dúvida na hora de escrever. Você arrisca dizer por quê?

Se você percebeu as letras diferentes que representam o mesmo som, ficou fácil entender o porquê de tanta dúvida... Você deve estar pensando: “que língua complicada a nossa... por que não usar sempre a mesma letra para representar o mesmo som?”

Realmente, seria mais simples, mas, se fosse assim, desconsideraríamos a história da palavra. Ou você não sabia que as palavras têm história? Pois é... têm sim, algumas muito curiosas, que contam como os sentidos delas foram mudando ao longo do tempo.

A **etimologia** é a ciência que estuda a origem e a evolução das palavras. É muito interessante esse estudo, porque depois que conhecemos a história da palavra, passa-

mos a vê-la de uma forma diferente. Vamos dar um exemplo... a palavra “filosofia”. No dicionário, encontramos a seguinte definição: “*estudo que visa a ampliar incessantemente a compreensão da realidade, no sentido de apreendê-la em sua inteireza.*” A definição é precisa, para o uso da palavra que fazemos nos dias de hoje. Mas essa definição não nos dá o sentido original de filosofia, não resgata o significado da palavra, quando foi usada pela primeira vez. Conforme etimólogos - aqueles que estudam a história dos significados das palavras - *philosophia* vem de **philos**, que em grego quer dizer *amor* e **sophia**, que em grego quer dizer *saber*. O sentido etimológico (*etymos* em grego quer dizer verdadeiro) de “filosofia” é amor à sabedoria. Diz-se que Pitágoras, um antigo pensador grego, ao ser interrogado o que era, declarou-se *philosophos*, ou seja, aquele que tem amor à sabedoria.

Releia a definição de “filosofia” que escrevemos no parágrafo anterior. Não há nela nenhuma pista do sentido original da palavra. Repare que, apesar disso, o sentido etimológico da palavra não se choca com a definição do dicionário. Pelo contrário, se o considerarmos, daremos até um colorido à definição. Você conhece algum filósofo, alguém que tenha amor pela sabedoria? Conhecendo a história das palavras, ampliamos nossa compreensão delas.

Outro exemplo... a palavra “entusiasmo”. Veja que bonito: antigamente, na Grécia antiga, *enthousiasmos* significava o momento extraordinário em que uma pessoa era tomada por um Deus, era possuída interiormente do sentimento de Deus. Do grego clássico, *enthousiasmos* passou para as línguas ocidentais através do latim vulgar¹ e depois pelo francês *enthousiasme*, já sem qualquer conotação religiosa, até chegar ao português com o sentido que conhecemos.

Viu quanto sentido há por trás de uma palavra? Hoje, ficamos entusiasmados com nosso time de futebol, com as aulas de português, com nossas músicas prediletas, sem pensar que o entusiasmo que sentimos era o sentimento de Deus. Viu só... conhecendo a fundo os significados das palavras ampliamos nossa compreensão delas, o que significa dizer que ampliamos nossa percepção das coisas.

Poderíamos continuar dando outros exemplos de história das palavras, de palavras que têm origem não apenas da língua grega. Vale lembrar que apesar de a língua portuguesa ser derivada do latim e do grego, há muitas palavras que usamos no dia-a-

¹No latim distinguem-se duas variantes:

Latim clássico ou culto: uniforme e regulamentado, era estudado nas escolas, falado e escrito pela minoria culta.

Latim vulgar: era a língua falada pelos comerciantes, colonos e soldados que mantinham a ordem do Império. Essa variante não respeitava, pelo desconhecimentos de seus usuários, as normas gramaticais, mantinha características das línguas orais e incorporava palavras das outras línguas com as quais estava em contato.

A língua portuguesa tem sua origem no latim vulgar.

dia provenientes do tupi-guarani (abacaxi, Aracaju, buriti, caatinga, caju, capim, catapora, guri, lambari, urubu etc.); de línguas africanas (caçula, farofa, acarajé, cafuné, senzala, samba, quiabo etc.); de línguas árabes (arroz, alicate, alface etc.); da língua inglesa (gilete, checar, futebol etc.), francesa, espanhola etc.

E o que tudo isso tem a ver com as dúvidas que temos para escrever determinadas palavras?

Muita coisa, você vai ver....

Se considerarmos a história das palavras, as origens delas, vamos entender melhor porque algumas devem ser escritas com S, C, Z, SS, X, XC, SÇ, S etc. Escrevemos, por exemplo, gelo com “g”, porque essa palavra vem do latim *gelus*; escrevemos jiló com “j” não com “g”, porque é palavra de origem africana, derivada de *njimbu*; já jiboia é derivada do tupi, vem de *yi'mboya* que significa cobra não venenosa. Gilete tem de ser escrita com “g” porque vem do inglês, de *gilette*, mais propriamente de King Camp Gillete (1855 – 1932), o inventor e o primeiro fabricante dessa lâmina de barbear. Ou seja, o “g” da gilete e do gelo, o “j” do jiló e da jiboia têm uma razão de ser... mas será que só escreveremos certo essas palavras se soubermos a origem etimológica delas?

Claro que não. Toda essa conversa serve para que você fique mais consciente dos processos de formação das palavras da língua portuguesa. Você já percebeu que, para escrever corretamente algumas palavras, basta aplicar determinadas regras. Mas há algumas que ou você as memoriza ou consulta um dicionário para saber como é que são escritas.

Em alguns dicionários grandes, além dos significados das palavras, você encontra a etimologia delas. As informações que fornecemos das palavras “filosofia” e “entusiasmo” foram retiradas de um dicionário.

Por isso concordamos com Artur Gomes de Morais, autor de livros que tratam de ortografia, quando diz que o dicionário não é “pai-dos-burros”, mas é pai dos sabidos... O dicionário, segundo esse autor, “é uma fonte de informação (sobre a língua, sobre as coisas do mundo) de valor inestimável e também um ‘banco’ de informações ortográficas praticamente insubstituível.”

É isso mesmo. Os grandes dicionários realmente trazem muitas informações sobre as palavras: pronúncia correta, data em que a palavra entrou no português, fonte dessa data, todos os significados (repare o plural), exemplos de uso da palavra, sinônimos, antônimos, classe gramatical, informações de gramática, informações de uso, origem da palavra etc. É tanta informação que às vezes nos perdemos, consultando um *verbete*, isto é, a palavra e a explicação sobre ela que aparece no dicionário.

Vamos propor algumas atividades que vão permitir que você descubra como é bom consultar o pai dos sabidos... o dicionário.

Lição 3: Ortografia, etimologia e dicionário**Atividade 1**

É comum, quando estamos com dúvidas, consultar um dicionário para conferir a grafia de uma palavra... Mas raramente consultamos um para pesquisar a etimologia dela.

Pesquise em um dicionário grande a etimologia das palavras abaixo. Transcreva as informações que você considerou mais significativas.

- a) Pesquisar
- b) Escola
- c) Amor
- d) Humilde

Atividade 2

Você já reparou que as palavras que aparecem listadas no dicionário não aparecem flexionadas, isto é, os nomes aparecem sempre no singular, os verbos aparecem no infinitivo...

Sua tarefa é escrever as formas como as palavras abaixo aparecem no dicionário. Transcreva os significados que você encontrou.

- a) Balbuciamos
- b) Esdrúxulos

- c) Biscatinhos
- d) Amorção
- e) Batatinhas
- f) Acalentássemos

Atividade 3

Um aluno foi conferir no dicionário se as palavras da lista abaixo estavam escritas corretamente e não encontrou nenhuma delas. Isso pode ser uma pista de que ele errou a ortografia das palavras, não é mesmo? Imagine de que outro modo essas palavras poderiam ser escritas e depois vá ao dicionário para verificar se estão corretas.

Depois de encontrar a palavra no dicionário transcreva o seu significado no caderno.

- a) Erbívoro
- b) Gerimum
- c) Gorgear
- d) Cequestrar
- e) Sítara
- f) Atravéz
- g) Apezar
- h) Excessão

Atividade 4

Use sua imaginação e invente significados para as palavras abaixo.

Depois de ler o que você escreveu e ouvir as definições de seus colegas, confira o significado verdadeiro no dicionário.

a) Melífluo:

b) Clichê:

c) Cooptar:

d) Escarcéu

e) Fênix

Conversa com o professor

Nas Unidades anteriores, trabalhamos com as regularidades (contextuais ou morfológicas). A Unidade III enfatiza os casos de irregularidades da norma ortográfica. Se o professor propõe para o aluno momentos de reflexão sobre a ortografia, é possível que ele aprenda que erros ortográficos podem e devem ser evitados. Mas para isto, é preciso que, de um lado, a norma ortográfica seja compreendida, ou seja, o aluno possa saber quando a correspondência entre som e letra tem um princípio comum que gera uma regra e quando, por outro lado, há a necessidade de o aluno memorizar o jeito de escrever a palavra, pois não há uma regra que explique sua forma gráfica — ela depende da etimologia ou da tradição de uso. Neste último caso, trata-se das irregularidades, que são, a seguir, listadas:

- a notação do som /s/ com S, C, Z, SS, X, XC, SÇ, S: seguro, cidade, assistir, auxílio, exceto, piscina, creança, exsudar;
- a notação do som /z/ com Z, S, X: gozado, casa, exame;
- a notação do som /š /: xale, chalé, rapaz;
- a notação do som /ž/: gelo, jiló;
- a notação do /ʎ/: família, toalha;
- a notação do som /i/ com I ou E em posição átona não-final: cigarro, seguro;

- a notação do som /u/ com U ou O em posição átona não-final: buraco, bonito;
- o emprego do H em início de palavra: harpa, hoje, humano.

Atividade 5

Palavras “do mal”

É com S ou com Z? É com X ou com CH? É com C, Ç, S ou SS? Socorro!!! Você já deve ter tido muitas dúvidas como essas, não é? E por causa disso já deve também ter escrito de modo errado palavras em que aparecem essas verdadeiras armadilhas? Palavras com essas pegadinhas são verdadeiras “palavras do mal”! Para atacar este “mal”, precisamos de algumas armas... Leia o texto abaixo e selecione cinco palavras que você acha que poderia errar caso seu professor fizesse um ditado. Essas serão as suas “palavras do mal”. Seus colegas farão o mesmo. Depois, com a ajuda de seu professor, vocês vão escolher, dentre todas, as 10 palavras mais difíceis de escrever, aquelas que são as “palavras do mal” da turma toda.

Em duplas ou trios, criem cruzadinhas com as 10 palavras escolhidas. Quando estiverem prontas, apresente o resultado para seu professor e para os colegas testarem seus conhecimentos.



Você já deu uma risadinha hoje? Aposto que sim! Todos nós rimos ou sorrimos várias vezes ao dia: para cumprimentar alguém, ao fazer ou ouvir alguma gracinha ou quando estamos brincando com um amigo. Esses exemplos mostram que o nosso riso ocorre basicamente em situações sociais, ou seja, em momentos de felicidade, prazer e brincadeiras.

Os cientistas sabem que o riso não é apenas uma manifestação de alegria. Ele também torna menos grave mágoas e agressões. É só você reparar como, muitas vezes, utilizamos o riso para acabar com uma briga ou dizer não a alguém. Note também que um pedido de desculpas vem sempre acompanhado de um sorriso. Isso acontece porque o riso “desarma” as pessoas e facilita o comportamento amigável.

O riso é uma das nossas primeiras experiências de vida. Ele inicia nossa ligação com o mundo ao redor. Desde bebês nós rimos de satisfação por estarmos bem alimentados, sem qualquer dor ou para responder à expressão alegre de nossos pais. Quando crescemos um pouco mais, rimos muito ao brincar com nossos companheiros. O ato de brincar é essencial para a aprendizagem e para criar ligações entre as pessoas. Brincamos, por exemplo, de brigar e, nesta situação, o riso serve para expressar que a briga é de brincadeira.

O mesmo acontece com os animais. Eles, quem diria, também riem -- ao modo deles, mas riem. Macacos, cães e até ratos brincam para se relacionar. Como nós, eles brincam de brigar. Nesta situação, emitem um som que alguns cientistas interpretam como algo correspondente ao riso humano. Pesquisas mostram que, se for atingida certa área do cérebro de ratos e eles perderem a capacidade de emitir tal som, o outro companheiro não entende que aquilo é uma brincadeira, então vira uma luta séria.

Nos humanos, o riso, como qualquer outra demonstração de emoção, tem sua função. A função dele é a de comunicação. É uma mensagem que enviamos às outras pessoas para mostrar que queremos brincar ou fazer amizades, que ficamos felizes e gostaríamos de fazê-las felizes. Enfim, com o riso, mostrarmos que somos pacíficos. Como na vida, necessitamos construir relacionamentos e o riso é um bom começo.

Mas não rimos somente quando estamos em grupo. Rimos também de piadas, por exemplo. Este tipo de riso é unicamente humano. Temos em comum com os animais apenas o riso provocado por brincadeiras. O senso de humor é uma característica mais evidente nos humanos, porque envolve uma parte do cérebro chamada córtex frontal, que é bem mais desenvolvido em nós do que em outros animais. Assim, quando vemos alguma coisa engraçada, o córtex interpreta este estímulo e a partir daí aciona outras áreas do cérebro, que comandam os músculos da face, a respiração e o som do riso, entre outras reações.

Melhor que rir é saber que o riso faz bem à saúde. Dizem os mais velhos que “o riso é um bom remédio” e, para os cientistas, ele produz mesmo sensações de prazer

e bem estar, diminui a ansiedade, reforça o sistema de defesa do organismo, relaxa os músculos... Quer mais? Pois pesquisas mostram que crianças hospitalizadas que recebem a visita de palhaços e riem com eles permanecem menos tempo internadas do que aquelas que não tem com o que se divertir.

Então, ria! O riso tem o poder de melhorar as relações entre as pessoas e nos ajuda a construir um mundo mais alegre e de paz!

Ciência Hoje das Crianças 127, agosto 2002

Sílvia Helena Cardoso,

Núcleo de Informática Biomédica,

Universidade Estadual de Campinas.

Dicas para o professor

Essa atividade pode ser desenvolvida com qualquer outro texto que o professor esteja estudando com a turma no momento e pode repeti-la com alguma regularidade, pois, afinal, casos em que mais de uma letra concorrem para representar um mesmo som provocam dúvidas até mesmo em professores de português. É interessante colocar as dez palavras negociadas com o grupo em destaque na sala de aula, por meio de cartaz, por exemplo, e deixá-las em evidência durante o tempo necessário para a aprendizagem dos estudantes.

Atividade 6

Você já reparou que existem famílias de palavras? Por exemplo, *claridade, esclarecer, claro, claramente* são palavras que têm uma mesma origem e têm uma parte comum: seu radical (-**clar**-). Por isso dizemos que são da mesma família, embora pertençam a classes gramaticais distintas. Veja:

substantivo	verbo	adjetivo	advérbio
claridade	esclarecer	claro	Claramente

Lição 4 – Ditados

Nesta lição, você vai aprender a ditar e, ao mesmo tempo, acompanhar o que está sendo escrito para identificar possíveis erros.

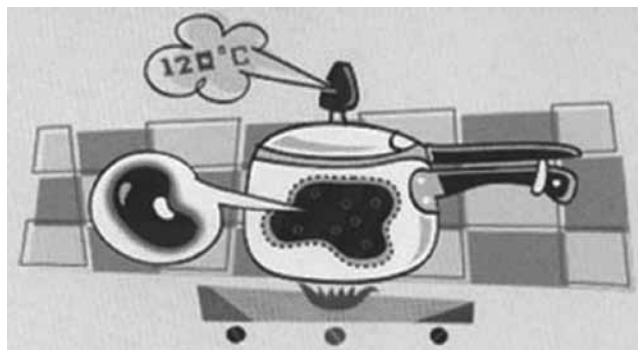
Atividade 1

Ditado com dicas

Para compreender direitinho como funciona a panela de pressão, primeiro você vai precisar completar as palavras que estão faltando no artigo e que seu professor vai ditar. Mas como não queremos deixá-lo de cabeça quente, abaixo apresentamos uma lista com dicas que você pode consultar para você não errar nenhuma delas.

Como funciona a panela de pressão?

Desvende o segredo dessa aliada dos mestres-cucas com boas pitadas de física!



Vamos _____ esta conversa com outra pergunta: Por que será que o feijão é sempre feito na panela de pressão? Ora, caro leitor, porque esse utensílio, que pode passar dias dentro do armário, perdido entre travessas, potes de mantimentos e outras panelas é, nada mais, nada menos, que um _____ do _____. Acelerador, sim, porque feijão feito em panela comum leva *hooooooras* para ficar pronto. Seu estômago, na hora do almoço, teria _____ de esperar tanto tempo para provar desse _____ acompanhante do arroz? Vamos, então, desvendar o _____ dessa aliada dos mestres-cucas com boas pitadas de física!

Na verdade, a velocidade com que os alimentos cozinham depende da tem-

peratura da água. Quanto mais quente a água, mais rapidamente os alimentos _____ o ponto de serem _____. Numa panela comum, a temperatura máxima _____ pela água é de 100°C – nesse ponto a água entra em ebulição, isto é, começa a virar vapor – e não importa o quanto aumentemos a chama, porque a temperatura permanecerá a mesma.

A panela de pressão só funciona _____ fechada. Tem apenas uma pequena abertura na tampa, a válvula. Ela é como um chapéu de metal colocado sobre um tubo, que se comunica com o interior da panela. Na medida em que a água esquenta dentro da panela, o vapor _____ vai se acumulando e ficando cada vez mais comprimido. Em determinado momento, a pressão do ar é tão grande que levanta a válvula, fazendo o vapor escapar lá de dentro. Quando a pressão _____, a válvula se fecha novamente. Essa pressão dentro da panela é regulada em um valor maior do que o da pressão atmosférica do lado de fora. Por isso, a água lá dentro ferve a uma temperatura superior: cerca de 120°C. Isso quer dizer que o alimento que ficaria cozinhando a uma temperatura _____ de 100°C numa panela comum, passa a cozinhar numa temperatura de 120°C na panela de pressão. Logo, levará menos tempo para ficar pronto!

Antônio Carlos de Castro
 Centro de Divulgação Científica e Cultural da Universidade de São Paulo
 REVISTA *Ciência Hoje das Crianças* – número 182: AGOSTO DE 2007
<http://cienciahoje.uol.com.br/98774>

BANCO DE PALAVRAS PARA CONSULTA	
ACELERAR	GOSTOSO
ATINGIR	CONSUMIR
ALCANÇAR	TOTAIS
COMEÇO	INTELIGÊNCIA
COZINHA	FUNCIÓNAR
ESTÁVEIS	DIMINUIR
REDUZIR	

Dicas para o professor

Quantas vezes, ao escrever, os estudantes erram palavras que estão bem ali, na frente do nariz, como se costuma dizer. Ou ainda erram palavras que envolvem regularidades cuja regra são capazes de recitar como papagaios...

Esses problemas são sintomas da dificuldade que enfrentam para escrever e ao mesmo tempo monitorar a própria escrita. Antes de mais nada, é preciso lembrar que essa tarefa não é mesmo nada simples, por essa razão, editoras submetem os textos que os autores escrevem à sua equipe de revisores.

Ao longo desse trabalho, vimos como desenvolver boas situações didáticas para que os estudantes descubram as regularidades que envolvem os padrões da escrita, apresentamos também algumas sugestões de atividades de sistematização para que possam se apropriar das regularidades recém descobertas. Chamamos atenção, principalmente, para a importância de o professor auxiliar o estudante a revisar seu próprio texto, por meio de pautas que focalizem poucos aspectos a cada vez para que possam aprender com a experiência.

O ditado com dicas é também uma forma de estimular o estudante a não apenas escrever, mas também a apoiar-se no que está escrito acima, abaixo, nas paredes da sala para buscar pistas para auxiliá-lo a escrever corretamente.

O **Banco de Palavras para Consulta** traz “dicas” que são palavras que “lembra” as ditadas pelo professor. Assim, ao consultar o banco, o estudante pode fazer associações e resolver sua dúvida.

Após o ditado, converse com os estudantes para verificar se as dicas foram úteis ou não. Em alguns casos, a consulta é simples: é só localizar a palavra primitiva: **ACELERAR, ATINGIR, COMEÇO, COZINHA, ALCANÇAR, CONSUMIR, DIMINUIR, FUNCIONAR.**

Em outros, a identificação é mais complicada, pois o estudante precisa identificar o sufixo: **GOSTOSO, INTELIGÊNCIA, REDUZIR;** ou deverá lembrar-se de que palavras que fazem plural em -is, no singular, terminam com a letra ‘L’: **TOTAIS, ESTÁVEIS.**

PALAVRAS PARA O PROFESSOR DITAR	
1. começar	2. acelerador
3. cozimento	4. paciência
5. saboroso	6. funcionamento

7. atingem	8. consumidos
9. alcançada	10. totalmente
11. produzido	12. diminui
13. estável	

Atividade 2

Ditado em duplas

Agora você vai participar de um ditado em duplas: seu professor já deve ter indicado que participante da dupla dita o texto. Porém atenção: quem dita deve ajudar o parceiro a escrever corretamente o texto. Para isso, precisa observar a escrita do colega conferindo com o texto original e, apenas quando ele errar, você deve interromper o ditado para dar dicas de como o colega pode corrigir a palavra que estiver escrita errada.

Ao final do ditado, as tarefas se invertem: quem escreveu da primeira vez vai agora ditar para o parceiro o mesmo texto.

Depois que tiverem terminado, conversem sobre as dificuldades que ambos encontraram: foram parecidas ou diferentes? E, é claro, vale também conversar sobre a curiosidade. Quanta coisa fantástica há nesse mundo! Acredite se quiser!

Dica para o professor:

O ditado em duplas pode ser realizado com os textos apresentados abaixo ou com trechos selecionados pelo professor de quaisquer textos que a turma estiver estudando.

IMPORTANTE: A formação das duplas deve ficar a cargo do professor para que possa juntar um estudante com menor domínio dos padrões da escrita com outro com maior domínio. É importante que isso seja feito da forma mais discreta possível para que a turma não perceba.

Em seguida, indique quem inicia o ditado em cada dupla de modo que o primeiro a ditar seja o estudante que tiver menor domínio. Essa pequena “trapaça do bem” vai permitir que o estudante com maior dificuldade estude o texto, pois, ao ditá-lo ao colega e ainda controlar o que o outro escreve, estará se apropriando da forma ortográfica de

muitas palavras. Quando chegar a vez dele escrever, certamente terá um resultado bem melhor. É preciso encorajar os estudantes com maior dificuldade a obterem melhores resultados. O sucesso é um ótimo estimulante!

Caso alguém reclame de que a ordem trará vantagens ao segundo, explique que se trata de um exercício que farão outras vezes, assim em outra oportunidade poderão iniciar o ditado.

Abaixo há um pequeno conjunto de textos selecionados para esta atividade. É importante entregar apenas uma cópia de cada um para as duplas. O professor pode escolher se prefere selecionar o mesmo texto para todas as duplas ou variar os textos.

O objetivo da atividade é possibilitar dois momentos de observação e uso da escrita:

- 1. ao ditar, o estudante observa as palavras do texto original e analisa a grafia daquelas que são menos conhecidas para ajudar o parceiro a fazer correções. Desse modo, ele obtém um repertório e, ao conferir o erro do colega, exercita seu olhar para a revisão de textos.*
- 2. ao escrever, o estudante usa o conhecimento que já tem da grafia das palavras e aprende com o colega a localizar e solucionar suas dúvidas.*

Textos sugeridos ao professor para o ditado em duplas

Por que piscamos?

Fechar os olhos bem rapidinho não serve só para paquerar. Você sabia que piscamos a cada cinco ou sete segundos? Assim, nós lubrificamos e protegemos nossos olhos de corpos estranhos presentes no ar e fazemos com que o oxigênio contido na lágrima se espalhe para que os olhos funcionem direito.

Você sabia que os mergulhadores conseguem escrever embaixo d'água?

Parece mentira, mas é possível, sim, escrever embaixo d'água. O jeito mais fácil de escrever dentro d'água é usar um lápis diretamente sobre uma prancheta de PVC, um tipo de material usado, por exemplo, para fazer certos tipos de canos. Há vários tipos de lápis que podem ser utilizados: os mais comuns são curtos – com cerca de 12 centímetros – e de grafite macio – do tipo 2B.

Você sabia que algumas espécies de gafanhotos sabem nadar?

Além de bons cantores e saltadores, alguns gafanhotos são, também, exímios nadadores. É verdade! Há espécies de gafanhotos que sabem nadar e fazem mergulhos longos, que podem durar até uma hora.

Por que as estrelas caem?

Apesar de as pessoas jurarem ver estrelas riscando o céu, elas, na verdade, não caem. Os objetos sólidos que vêm do espaço e caem na Terra são meteoros. Esses pedaços de rochas e metal, ao entrar em contato com a superfície do planeta, pegam fogo e emitem tanta luz que, de longe, parecem uma estrela.

Você sabia que as aranhas sentem o chão tremer?

Quando um caminhão passa perto de nós, dá para sentir o chão tremer, não é mesmo? As aranhas também sentem essa vibração, só que com muito mais intensidade. Essa sensibilidade faz com que algumas espécies de aranhas não dependam da visão para decidir que caminho seguir.

Cérebro: quanto maior melhor?

O cérebro é frequentemente associado à inteligência, mas também é fundamental para que possamos falar, enxergar, andar, sentir emoções, realizar cálculos e outras tarefas do dia-a-dia. Além dos seres humanos, outras espécies de animais também têm cérebro. Mas será que o cérebro de uma baleia, que tem cerca de vinte vezes o tamanho do seu, faz dela um ser mais inteligente?

Você sabia que a margarida não é uma só flor?

Acredite: a margarida, que faz parte da mesma família dos crisântemos e girassóis, não é uma flor só. Ela é a união de muitas. Se você olhar bem de pertinho ou usar uma lupa, irá perceber que a margarida é formada por várias pequenas flores que crescem uma ao lado da outra, cada qual com a sua função.

Por que os egípcios eram enterrados com seus pertences?

No Egito antigo, as pessoas acreditavam que depois da morte a vida continuava em outro lugar. Elas achavam que a vida nesse outro mundo seria muito boa e parecida com a que viveram na Terra. Por isso, precisavam levar tudo o que lhes pertencia.

Fonte: <http://cienciahoje.uol.com.br/>

Atividade 3

Ditado com cola

Para o ditado que seu professor vai fazer agora você pode fazer uma “cola”. Isso mesmo! Depois de ler o texto “Raios!” e saber um pouco mais a respeito, escolha cinco palavras que você considera difíceis e copie-as nas linhas abaixo:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

Confira as palavras que você copiou na “cola”, afinal, elas não podem estar com a grafia incorreta. Pronto? Agora você está preparado para o ditado.

Dica para o professor:

Essa atividade estimula o estudante a antecipar palavras que podem lhe oferecer dificuldade e prestar atenção em suas grafias ao preparar a “cola”.

O texto escolhido não será ditado integralmente. O professor selecionará um ou dois parágrafos apenas.

Raios!

Durante o verão a cena é comum. Nuvens escuras surgem de repente e a chuva começa. Em seguida, um relâmpago risca o céu. Que bonito! Logo depois vem o barulho do trovão. Que medo!

Os relâmpagos são descargas elétricas, semelhantes às correntes elétricas que passam pelos fios de nossas casas e que fazem os eletrodomésticos funcionarem. Mas são milhares de vezes mais fortes. Tão fortes que ao passarem pela atmosfera deslocam o ar e produzem um barulho intenso, o trovão. Repare que vemos o relâmpago antes de ouvir o trovão: isso acontece porque a luz é mais rápida que o som, por isso ela chega primeiro até nós.

Existem vários tipos de relâmpagos: dentro das nuvens, entre duas nuvens e até da nuvem para o alto. Os relâmpagos que ocorrem entre as nuvens e o solo são chamados raios.

Como podem prejudicar as pessoas, os raios são bastante estudados. Eles ocorrem em regiões onde existem grandes quantidades de cargas elétricas, capazes de produzir faíscas. Normalmente caem em um único lugar, mas, às vezes, eles se dividem e atingem vários pontos.

Como se proteger dos raios?

Os raios podem ser perigosos e quando acontece uma tempestade elétrica é melhor se proteger. Não procure abrigo embaixo de árvores, pois, se elas forem atingidas, os galhos podem cair. Evite também lugares descampados, que possam ser alvo fácil para os raios. É mais seguro esperar a tempestade passar para jogar futebol, soltar pipa ou andar de bicicleta. Também é perigoso pescar ou ficar dentro d'água, seja no mar ou na piscina.

Já deu para perceber que a melhor opção para os dias de tempestade é ficar em casa. Mas evite falar ao telefone, tomar banho de chuveiro elétrico ou ligar a televisão. Se a rede elétrica for atingida por um raio, esses equipamentos podem pifar.

Para dias assim, a leitura é ótima opção!

Bruno Magalhães

Ciência Hoje das Crianças

<http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/2885>

Lição 5: Novos exercícios de edição de textos

Editar textos...

Você se lembra da diferença entre revisar e editar textos?

Para editar, cortávamos o que era redundante, substituíamos o que não estava preciso, acrescentávamos o que faltava e invertíamos passagens de texto.

Você continua exercitando essas operações nas redações que vem produzindo? Elas realmente ajudam muito a tornar claro o texto escrito.

Lançamos aqui novos desafios. Vamos exercitar essas operações nos textos abaixo.

Atividade 1

O texto que você vai ler é um trecho de uma entrevista concedida por Antônio Nóbrega ao jornalista Fernando Faro, para um programa apresentado na TV Cultura, em 23/05/1996.

Antônio Nóbrega nasceu em Recife, é músico e estudioso da tradição cultural do nordeste.

Abaixo você vai encontrar o trecho transcrito da notícia, tal como Antônio Nóbrega falou. A seguir, você lerá o texto editado. Sua tarefa é comparar os dois textos e dizer quais operações foram feitas na edição do texto.

PORTANTO, ATENÇÃO: grife os trechos modificados e anote as palavras eliminadas, acrescentadas, substituídas ou invertidas.

Por último, assinale com caneta de outra cor as mudanças realizadas na pontuação, no emprego de maiúsculas e na segmentação do texto em parágrafos e frases.

<p>Texto original:</p> <p><i>É... as lembranças que eu tenho da casa, né?, da minha infância, era uma casa de... de cimento... de cimento brilhoso, né?, cimento vermelho, cimento verde às vezes, e eu me lembro que minha mãe, por ser paulista, ela tinha um zelo muito... muito grande pela casa, mas casa de cidade do interior é uma casa muito diferente das casas paulistas, de onde ela vinha... então ela tinha muita dificuldade em dar arrumação à casa que ela gostaria de ter dado... as paredes eram de cal, né? ... sempre se pintava as paredes de cal, telhados não havia, o ... como se diz... não havia... eram as telhas, né?... Nós víamos sempre o telhado. Não havia isso que... tá me faltando as palavras... era o forro, o forro da casa. Pois bem, são essas as lembranças da casa, portas... portas de madeira, sempre de madeira de lei. É por aí...</i></p>	<p>Texto editado:</p> <p>As lembranças da minha infância que eu tenho da casa são as seguintes: era uma casa de cimento brilhante, vermelho, verde às vezes. Eu me lembro que minha mãe, por ser paulista, tinha um zelo muito grande pela casa. Mas casa de cidade do interior é muito diferente das casas paulistas, de onde ela vinha. Ela tinha muita dificuldade em dar arrumação que ela gostaria de ter dado à casa. Sempre se pintavam as paredes de cal. Nós víamos sempre o telhado. Não havia o forro. As portas eram de madeira de lei.</p> <p>Pois bem, são essas as lembranças da casa.</p> <p>É por aí..</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Dicas para o professor:

Professor: quanto mais familiar se tornarem as quatro operações para editar textos, mais possibilidades o aluno terá de, com autonomia, transitar da modalidade falada para a escrita. Por isso, é importante investir em atividades em que o estudante possa exercitar as 4 operações: eliminação, acréscimo, substituição e inversão. Para relembrar o que dissemos sobre essas operações de edição, volte ao texto “Como devolver ao texto o que é do texto?”, de Maria José Nóbrega, na Orientação didática 5.

Antes de os estudantes iniciarem a atividade, é interessante retomar com eles quais são as operações de edição que fizeram em exercícios anteriores. Você pode organizar a turma em duplas, para que os alunos possam trocar idéias durante a análise das alterações

Depois de os alunos terminarem a tarefa, é muito importante confrontar e discutir coletivamente a análise feita pelas duplas.

Operações de edição realizadas no texto acima:

É... as lembranças da minha infância que eu tenho da casa (INVERSÃO) ,né?,, são as seguintes: (ACRÉSCIMO) era uma casa de... de cimento... de cimento brilhose brilhante, (SUBSTITUIÇÃO) né?,-cimento-vermelho, cimento verde às vezes, e eu me lembro que minha mãe, por ser paulista, ela tinha um zelo muito... muito grande pela casa, mas casa de cidade do interior é uma casa muito diferente das casas paulistas, de onde ela vinha... então ela tinha muita dificuldade em dar arrumação que ela gostaria de ter dado à casa... (INVERSÃO) as paredes eram de cal,né? ... sempre se pintava as paredes de cal, telhados não havia, o ... como se diz... não havia... eram as telhas,né?... Nós víamos sempre o telhado. Não havia isso que... tá me faltando as palavras... era o ferro, o forro da casa.,portas... As portas eram (ACRÉSCIMOS) de madeira, sempre de madeira de lei. Pois bem, são essas as lembranças da casa.(INVERSÃO) É por aí...

Operações feitas na organização gráfica do texto - pontuação, letras maiúsculas e parágrafos:

*[As lembranças da minha infância que eu tenho da casa são as seguintes: era uma casa de cimento brilhante, vermelho, verde às vezes. **Eu** me lembro que minha mãe, por ser paulista, tinha um zelo muito grande pela casa. **Mas** casa de cidade do interior é muito diferente das casas paulistas, de onde ela vinha. **Ela** tinha muita dificuldade em dar arrumação que ela gostaria de ter dado à casa. **Sempre** se pintavam as paredes de cal. **Nós** víamos sempre o telhado. **Não** havia o forro. As portas eram de madeira de lei.*

[Pois bem, são essas as lembranças da casa.

[É por aí...

Atividade 2

O texto abaixo, escrito por um estudante de 5ª série, está pronto para ser editado.

Vai ser moleza, com as dicas que vamos dar:

1. você pode eliminar as palavras repetitivas e expressões que aparecem geralmente na fala.
2. acrescentar palavras que na fala não fazem tanta falta, mas que precisam aparecer na escrita.

3. trocar as palavras de lugar na frase, quando for necessário.
4. substituir palavras por outras mais adequadas aos propósitos do texto.
5. Finalizado o trabalho, organize o texto em parágrafos e frases, colocando os sinais de pontuação e empregando letras maiúsculas.
6. Última dica: assinalem no próprio texto as alterações que você e sua dupla querem fazer.

Depois é só passar a limpo. Para facilitar, vocês podem usar as seguintes marcas:

a - Riscar as palavras para eliminar. Exemplo: ~~lebre~~

b - Riscar e escrever outra palavra em cima para substituir.

c - Fazer uma seta para indicar mudança de lugar da palavra na frase.

d - Usar ✓ com uma palavra escrita em cima para acrescentar. Ou então usar asterisco para escrever em nota, logo abaixo do texto, a palavra ou expressão que quiser se quer inserir no texto.

A lebre e a tartaruga.

Um dia uma tartaruga começou a criar vantagem com a lebre a tartaruga desafiou a lebre para uma corrida a lebre pensou que era uma brincadeira e marcaram a corrida o juiz era uma raposa, chegou o dia da corrida largou a corrida a lebre ficou bem na frente dela a tartaruga mas a lebre resolveu tirar uma soneca já que o dia estava quente ela tirou a soneca bem, embaixo da sombra de uma árvore.

Enquanto isso a tartaruga continuando andando e acabou chegando na linha de chegada

A lebre não ficou de olho na tartaruga e acordou e levantou-se rápido e começou a correr mas bem de longe, viu a tartaruga, esperando por ela bem, na linha de chegada e assim devagar e frente assim ganha-se a corrida.

Um dia uma tartaruga começou a **criar** vantagem **com** a lebre ~~a tartaruga~~ e ~~desafiou-a~~ a lebre para uma corrida a lebre pensou que era ~~uma~~ brincadeira e eles marcaram a corrida o juiz era uma raposa, **chega** o dia da corrida **largou** ~~a corri-~~ da **a lebre** ficou bem na frente **dela** a tartaruga **mais** ~~a lebre~~ resolveu tirar uma soneca já **se** o dia **esta** quente ela ~~tirou a soneca~~ **bem, embai-**
xo da sombra de uma árvore.

Enquanto isso a tartaruga **continuando** andando e acabou chegando na linha de chegada A lebre **não ficou de olho** na tartaruga e **quando** acordou e ~~se~~ levantou-se rápido e começou a correr **mais** bem de longe, viu a tartaruga, esperando por ela ~~bem~~, na linha de chegada e assim devagar e **frente** ~~assim~~ ganha-~~se~~ a corrida.

O texto editado (incluindo operação 5) poderia ficar assim:

Um dia, uma tartaruga começou a contar vantagem para a lebre e desafiou-a para uma corrida. A lebre pensou que era brincadeira. Marcaram a corrida. O juiz era uma raposa.

Chegou o dia da corrida. A lebre largou bem na frente da tartaruga, mas resolveu tirar uma soneca bem embaixo da sombra de uma árvore, já que o dia estava quente.

Enquanto isso, a tartaruga continuou andando e acabou chegando na linha de chegada... A lebre não prestou atenção na tartaruga e, quando acordou, levantou-se rápido e começou a correr, mas de longe viu a tartaruga esperando por ela na linha de chegada.

Assim, devagar e sempre, ganha-se a corrida.